



Director literario:

Henrique Lopes
PAPIM

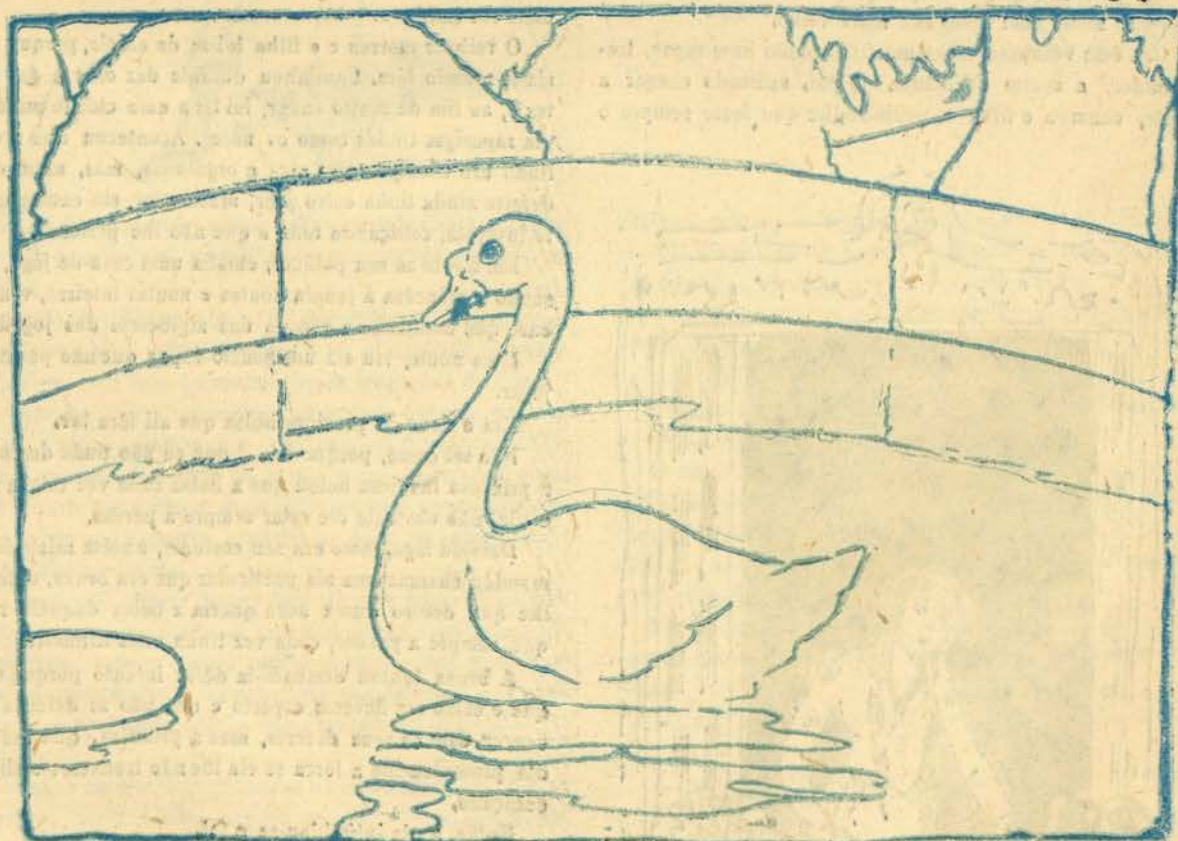
SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Luiz Collares
RAPUSSE

■ DESENHO ■ PARA COLORIR



AS CORES PARA COLORIR ESTE DESENHO SÃO: no bico e em volta dos olhos VERMELHO, no cisne, PRETO, na sombra do cisne, NEGRO ES-VERDEADO, no lago, AZUL CLARO, no muro, VERDE MUITISSIMO CLARO, na sombra do muro, VERDE UM POUCO MAIS ESCURO E SUJO, no fundo, VARIOS VERDES e no tronco da árvore CASTANHO.

A IN VE JO SA

■ POR ■

ALBANO
DESSA

DESENHOS

■ DE ■

E. M.



EXISTIA numa aldeia muito longe, uma casa que era tão velhinha que se parecia com o dono, pois nem se sabia qual deles era mais velho.

Ora esse velhinho tinha um filho muito bom rapaz, trabalhador, e muito obediente. O pai, sentindo chegar a morte, chamou o filho e, pedindo-lhe que fosse sempre o

mesmo bom rapaz, entregou-lhe uma bolsa com ouro, de muito valor, porque quanto mais dinheiro se lhe tirava mais ela tinha.

O velhote morreu e o filho foi-se da aldeia, porque queria ir mundo fóra. Caminhou durante dez dias e dez noites e, ao fim de muito andar, foi ter a uma cidade onde havia raparigas lindas como os anjos. Aconteceu que a mais linda era uma princesa rica e orgulhosa, mas, além deste defeito ainda tinha outro pior, muito pior, era extremamente invejosa, cobiçando tudo o que não lhe pertencia.

Em frente ao seu palácio, existia uma casa de jogo, passando a princesa à janela noutes e noutes inteiras, vendo o ouro que desaparecia rápido das algibeiras dos jogadores.

Uma noute, viu ela um bonito rapaz que não parava de jogar.

Era o dono da preciosa bolsa que ali fóra ter,

Não sei como, porque isto é que eu não pude descobrir, a princesa invejosa notou que a bolsa cada vez estava mais cheia, não obstante êle estar sempre a perder,

Desejou logo, como era seu costume, a bolsa misteriosa, e mandou chamar uma aia particular que era bruxa, dizendo-lhe que dentro duma hora queria a bolsa daquele rapaz que, sempre a perder, cada vez tinha mais dinheiro.

A bruxa tentou dissuadi-la dêsse intento porque sabia que o orfão era deveras esperto e que não se deixava convencer com os seus dizeres, mas a princesa, que tudo podia, prometeu-lhe a força se ela lhe não trouxesse o objecto cobiçado.

Então, a aia intimidou-se e foi,

Distraíndo o rapaz com alusões ao passado e cativando-o ao mesmo tempo, conseguiu arrancar-lhe o precioso objecto, levando-o logo a Célia, que assim se chamava a princesa.

Já havia algum tempo que o pobre rapaz procurava por





todos os cantos a bolsa sem a achar, quando Célia, chegando à janela do seu magnífico palácio, lha mostrou radiante.

Então, ele desanimado, foi andando por esses campos fora, e, em certa altura, depois de ter caminhado bastante, encontrou uma figueira muito grande carregada de figos.

Como se estava no mês de Janeiro e não era o tempo deles, o rapaz admirou-se e comeu alguns, porque a fraqueza o dominava. Qual não foi porém o seu espanto ao notar que o nariz lhe crescera mais dum palmo. Desgostoso continuou até que alcançou uma árvore onde se podia abrigar do sol que queimava.

Quando, ao chegar junto dela, viu que era também uma figueira com figos maduros, mas não sendo estes iguais aos primeiros, resolveu comer também destes para observar o que lhe aconteceria e assim fez. Ao fim de comer uns poucos, ficou admirado, pois o nariz voltara ao seu primitivo tamanho.

Pensou no que lhe acontecera e formou um plano. Voltou para traz, foi à cidade comprou um cesto e um fato velho, com o dinheiro que encontrou nas algibeiras, e, assim disfarçado, dirigiu-se novamente à figueira cujos figos faziam crescer o nariz.

Novamente caminhou para a cidade, até que, parando em frente do palácio da princesa, apregoou:

«Quem quer figos, quem quer almoçar...»

Célia, que tudo cobiçava, mandou logo comprá-los

Pensem o espanto da princesa ao vêr o nariz a crescer a

crescer, quando os ingeriu. Aflita chamou seu pai — Alacício I — e mostrou-lhe o nariz desconforme, imenso. Chorou ela três dias e quatro noites, prometendo-lhe o pai chamar todos os médicos que existissem na Terra, Assim foi: Milhões de médicos lá foram e nenhum deu com a doença da princesa.

Cada vez mais desgostosa, ela só desejava que alguém a livrasse daquele mal.

O rapaz, quando isto ouviu, vestiu-se o melhor que pôde, foi à figueira dos bons figos, apanhou alguns e pôz-se a caminho do palácio real. Quando o viu, a princesa, que o não conheceu, apaixonou-se por ele, pedindo-lhe por tudo que a salvasse da humilhante doença.

Fingindo que não sabia quais eram as condições da cura, perguntou-lhas, ao que ela respondeu altiva e orgulhosa:

— Uma bolsa inexgotável e a mão da linda princesa Célia.

Ao ouvir isto, ele sorriu-se para dentro (pois já conhecia a bolsa).

Depois de conversarem durante algum tempo, em que ele notou a paixão que a princesa lhe votava, tratou-se da cura milagrosa da narigueta da princesa Célia.

Pediu-lhe ele que comesse uns figos daqueles que lhe levava, ao que ela se recusou, dizendo que fora por causa duns figos que ficara assim defeituosa.

(Continua na pagina 8)

HISTÓRIA

de um pardalsito



ASAS BRANCAS por MIOSOTIS
desenhos de E.M.



OR uma doce e clara manhã de Abril, naquele cantinho do jardim, banhado pelo Sol, tudo era alegria. Lindas borboletas dançavam em roda, perseguindo-se umas às outras, como flocos de neve suspensos no espaço. As rosas, as violetas e os junquinhos dos canteiros enchem o ar com o seu penetrante aroma. A laranjeira, rainha daquele canteiro, erguia altivamente a sua copa verde e frondosa, esmaltada de frutos de ouro.

Atraz da laranjeira havia um muro todo coberto de heras, cuja cor sombria fazia sobressair o verde-claro da relva que atapetava o chão. Nesse muro havia um buraco, forrado de musgo e um casal de pardais tinha-o escolhido para fazer o ninho.

Nessa manhã, quatro pardaisinhos, já quasi cobertos de penas, chilreavam no ninho, esperando a bicada. Eram todos quatro muito lindos, com os biquinhos entre abertos e os olhitos muito espertos espreitando para fora. Mas havia, sobretudo, um que parecia ainda mais forte e mais bonito que os outros. O corpinho coberto de macias penas acastanhadas, e, coisa estranha, as asas d'ele, em vez de serem como as dos irmãos, da mesma cor que o corpo, eram brancas, brancas de neve!

Enquanto os outros ficavam muito quietinhos, aconchegados uns aos outros, soerguendo apenas a cabecita de tempos a tempos para ver se a mãezinha voltava, o pardalsito de asas brancas foi avançando nas patinhas já firmes até á entrada da sua habitação. Quantas vezes a mamã pardoca lhe tinha prohibido que avançasse muito para a beira, dizendo-lhe que poderia cair e morrer; mas infelizmente o pardalsito, como muitos meninos, era desobediente.

Via tantas coisas bonitas, lá fora! As flores de cores vivas, o céu muito azul, onde voavam tantos passarinhos como elle, que não pôde resistir. Atordoado pelo Sol, que o banhava, pela primeira vez com o seu doce calor, atraído por toda aquela vida que elle sentia palpar em cada florsinha, em cada insecto, abriu as asinhas ainda inexperientes e precipitou-se no espaço.

Mas ai! o passarinho não se pôde sustentar. As asitas, ainda tão frágeis e trémulas, fraquejaram, e caiu sobre a relva húmida que felizmente amorteceu o choque.

Quando pôde dominar a comoção, que a grande queda lhe tinha causado, o pardalsito levantou a cabeça e viu lá muito em cima o buraco cercado de musgo. Teve a impressão de que estava tão longe, tão longe, que nunca mais lá poderia voltar, e, lembrando-se do ninho aconchegado, da tépida penugem da mãezinha que os cobria a elle e aos irmãos, quando vinha a noite, ao lembrar-se de todas aquellas coisas que nunca mais veria, o pardalsito sentiu-se muito triste. Ah! como elle amaldiçoava a sua curiosidade e a sua desobediência que eram causadoras da sua triste situação.

Estava pensando isto tudo, quando, de repente, ouviu um barulho de passos rápidos e uma gargalhada argentina. Olhou, e o que viu, petrificou-o. Era uma criança de sete a oito anos.

Uma quantidade de caracóis louros, uma boquinha de cereja, dois grandes olhos cor de céu, ao mesmo tempo ternos e maliciosos, tal era a deliciosa criaturinha que elle tinha deante dos olhos. Vestida de cor de rosa, um grande laço da mesma cor nos cabelos dourados, segurava na mão um grande chapéu de palha.

O pardalsito, que até esse dia nunca tinha visto um ser humano, não podia compreender o que era aquilo. Mas, em vez de ter medo, sentia-se, pelo contrario, atraído por essa grande flor rosada e, instintivamente, pôz-se a piar.

A criança, admirada, parou olhando em roda, e, guiada pelos «piu! piu!» do pardalsito, dirigiu-se para a laranjeira. De repente soltou uma exclamação de surpresa! Acabava de ver entre a relva o pardalsito que, levantando para ella a cabecita, agitava as asinhas brancas, incapazes de voar. Deixando cair o chapéu, a pequenita ajoelhou sobre a relva e, com muito cuidado para não maguar o passarinho, pegou n'ele. Levantando-se, dum salto, chamou alegremente:

- Manuel! Ó Manuel!
- Um jardineiro que varria um caminho, perto dali, aproximou-se e, tirando o chapéu, perguntou:
 - O que foi, menina?
 - A criança entre-abriu os dedos e disse:
 - Olhe que lindo passarinho!
 - E' verdade, respondeu o jardineiro; é um pardal. Mas

que pardal tão engraçado! Nunca vi nenhum assim! A menina que vai fazer dêle? Vai pô-lo numa gaiola?

A pequena levantou para êle os grandes olhos límpidos e sorriu.

— Não. A mamã diz sempre que não se deve pôr um passarinho em gaiola, porque é a mesma coisa como se me fechassem numa prisão para sempre. E' uma avezinha que caiu do ninho, com certeza. Vamos vêr se o encontramos para o lá pôr outra vez.

Entretanto, o pardalzinho na sua prisão, sentia o coraçãozinho bater muito, e perguntava-se o que iria acontecer-lhe.

O jardineiro, sorrindo, foi buscar uma escada que encostou ao muro, não tardando em descobrir a cavidade onde os outros pardaisinhos dormiam descansadamente.

— E' aqui, menina Lili, disse êle voltando-se. Dê-mo, para eu o lá pôr.

A pequena Lili abriu as mãos e, depois de depôr um beijo na cabecita escura, estendendo os braços, entregou o pardalzinho ao jardineiro que o tornou a colocar no ninho.

Desde êsse dia, entre o pardalzinho e a criança, nasceu uma

grande amizade. Todas as tardes, Lili vinha ver o seu protegido, até ao dia em que êle pôde, emfim e sem perigo, sair do ninho.

Mas o pardalzinho, não se esqueceu daquela que o tinha salvo e, todos os dias, vinha até à beira da janela do quarto, onde Lili sentada a uma mesinha estudava as lições. Chilreando alegremente, vinha pousar no dedinho que a pequena lhe estendia e, sem medo nenhum, debicava as migalhas de bolacha, na mãozinha rosada.

Os pais do pardalzinho, tinham ido para mais longe, construir de novo o ninho, e, os seus irmãosinhos também tinham seguido o seu rumo. Só êle não partira. Gostava tanto do cantinho onde nascera! Da velha larangeira, das florinhas perfumadas e, sobretudo da sua amiguinha. No seu coraçãozinho de ave, havia um amor imenso, pela meiga criança, que o acariciava ternamente, sem nunca lhe fazer mal.

O pardalzinho teria vivido alegre e feliz, se uma coisa o não apoquentasse. No telhado da casa, pousavam muitas andorinhas, que vinham de muito longe e, o nosso amigui-



olhitos vivos, brilharam de alegria. Acabava de ver colocados no chão umas espigas de painço, espetadas numa espécie de caixa de arames. Sem desconfiança, o imprudente passarinho, foi pousar num pausinho que ficava mesmo a jeito para debicar nas espigas. Mas apenas as patinhas tocaram ao de leve no pau, este caiu e o infeliz pardal, perdendo o equilíbrio, ficou preso na tal caixa de arames, cuja tampa se fechou, com um estalido seco. Enquanto o pobre passarinho batia desesperadamente com as asas, nas grades do alcapão, dois garotitos que estavam escondidos atrás duma árvore, precipitaram-se para êle gritando:

— Cá está um! Cá está um!

Sem se importar com os pios aflitivos do pardalito, que se debatia inutilmente nas mãos cruéis, um dos pequenos atou-lhe na patinha um cordel que tirara do bolso; segurando então numa extremidade, largou o passarinho. Este pôz-se a voar, mas os garotos puxavam pelo cordel, e tornavam a apanhá-lo, rindo-se dos seus inúteis esforços. Este suplício já durava ha alguns instantes e teria, sem duvida, durado ainda muito tempo, quando por acaso um

— Cá está um! Cá está um!

Sem se importar com os pios aflitivos do pardalito, que se debatia inutilmente nas mãos cruéis, um dos pequenos atou-lhe na patinha um cordel que tirara do bolso; segurando então numa extremidade, largou o passarinho. Este pôz-se a voar, mas os garotos puxavam pelo cordel, e tornavam a apanhá-lo, rindo-se dos seus inúteis esforços. Este suplício já durava ha alguns instantes e teria, sem duvida, durado ainda muito tempo, quando por acaso um

cão se atirou aos pequenos, ladrando. Estes tiveram medo, o que segurava o fio abriu, a mão e o pardalito, sentindo-se livre, deu um forte impulso e, afastou-se dum vôo rápido.

Voou, voou, durante muito tempo e, enfim, quasi sem forças, descansou um momento. Julgava-se salvo, mas tinha esquecido o fio que trazia amarrado na patinha e, quando quiz levantar vôo para se afastar ainda mais daqueles sitios, não o pode fazer. O cordel tinha-se enrolado à volta dum ramo e o passarinho estava prisioneiro.

Quiz puxar pelo fio, para vêr se o quebrava, mas os seus esforços só serviram para enrolar ainda mais o cordel, que principiava a maguar-lhe muito a patinha. Não podia pousar de novo porque o fio não tinha comprimento sufficiente. Sem forças, para lutar mais contra a fatalidade, que o perseguia, o pobre passarinho fechou os olhitos vivos, e com as asinhas brancas estendidas, esperou a morte.

Nesse instante supremo, a imagem tão querida da sua amiguinha passou-lhe pelo espírito, da sua amiguinha que ele tinha abandonado, só para satisfazer a sua curiosidade e o desejo de mostrar as suas lindas asas brancas. Nesse momento, do fundo do seu coraçãozinho, pediu perdão a Deus e, ofereceu-lhe a sua vida, em troca de poder vêr, pela ultima vez, o cantinho natal, as suas flôres e sobre tudo, os grandes olhos claros e limpidos da sua amiguinha adorada.

Porem, num palacete que havia em frente, alguém tinha visto, duma janela, o passarito debater-se no meio das folhas e uma vózinha imperiosa, exclamou:

O' papá, olhe um passarinho preso ali na árvore! Não pôde voar. Mande já os criados vêr se lhe podem chegar.

Uma voz de homem, respondeu:

— Mas filhinha, não vez que está muito alto! Os criados não podem lá ir sem correr o risco de caírem, e magoarem-se.

A vózinha imperiosa, replicou:

Podem muito bem lá ir. Eu quero o passarinho, já! já!

A outra vóz, não fez mais nenhuma observação e, algum tempo depois, os criados, com as escadas maiores que encontraram, faziam diligencia por chegarem ao passarinho. Este, que já tinha aprendido a desconfiar dos homens, ainda tentou libertar-se, mas debalde. Uma grande mão apanhou-o bruscamente e não viu mais nada. Quando pôde

de novo abrir os olhitos, olhou em redor e viu-se num lindo quartinho, todo guarnecido com cortinas azuis. Em frente da janela aberta, estava uma criança de dez anos aproximadamente, deitada numa «chaise-longue». Tinha um rostinho pálido onde brilhavam dois grandes olhos pretos e duas compridas tranças escuras, caíam sobre os ombrinhos emagrecidos.

Ao pé da criança, estava um homem de quarenta a quarenta e cinco anos, de elevada estatura e de rosto triste.

Pegou no pardalito, meio morto de susto e examinou-o um momento, depois voltou-se para a filha que lhe perguntava:

— O que é esse bonito passarinho papá?

É um pardal de asas brancas, Sára. Uma espécie muito rara que aparece às vezes no meio das outras.

A criança bateu as palmas.

— Como estou contente! — Dirigindo-se ao criado, que tinha esperado, — acrescentou: — Vá buscar uma gaiola para pôr o passarinho.

O pai protestou:

— O' Sára! Não faças uma coisa tão feia. Agora que o viste vais deixa-lo fugir outra vez, não é verdade?

— Não! Não! Quero o passarinho para mim; — Exclamou a criança.

Um leve rubor, tingio-lhe as faces, ha pouco tão pálidas, e os olhos brilhavam febrilmente. O pai não insistiu mais, e o criado foi executar a ordem recebida.

Trouxeram uma linda gaiola dourada, o passarinho foi posto dentro, e penduraram-no à janela, ao pé da caprichosa doentinha.

Então principiou para o nosso pobre amiguinho, um longo sofrimento. Na sua gaiola dourada, onde tinha tudo o que podia desejar, êle lastimava amargamente, a sua querida liberdade. As vezes, tomado de desespero, batia com as asinhas e com a cabecita, nas grades da sua linda prisão, até que, sem forças, extenuado, se deixava ficar durante muito tempo, a um cantinho, sem fazer um movimento, os olhos fitos no céu azul que via lá ao longe. Não comia quasi nada e, de dia para dia, sentia-se enfraquecer, clamando, com todas as forças do seu coração, a morte que viria livra-lo de tão cruel martirio.





Todas as tardes, o pai de Sára, vinha vêr a filha, que estava quasi sempre deitada, e olhava com tristeza para o passarinho. Tinha pena dêle, mas receava ralhar com a pequena, a quem a mais leve contrariedade, causava um violento acesso de febre.

Um dia, porém, não pôde deixar de dizer à filha :

— Ouve Sárinha. Se continuares a ter êsse passarinho na gaiola, êle não durará muito tempo. Deus não fez as aves, para as termos presas, mas sim para voarem em liberdade, e nos deliciarem, com o seu canto alegre. Não terás pena, quando vires essa avesinha morta por tua culpa?

Sára baixou a cabeça e não respondeu. No fundo, não era má, era apenas uma criança doente, a quem o costume de fazer todas as vontades, tinha tornado caprichosa. Compreendeu, enfim que não devia por seu único prazer fazer sofrer uma avesinha inocente, e disse levantando os olhos :

— Dê-me a gaiola, papá.

Contente por vêr que as suas palavras tinham produzido effeito, o pai collocou-lhe a gaiola sobre os joelhos.

Sára abrindo a portinha, pegou no pardalsito e olhou-o demoradamente. Depois abriu as mãos magras, murmurando com um suspiro :

— Vai ! passarinho, vai e sê feliz.

O pardalsito, quando viu diante de si a verdura das árvores, o céu azul, teve um gritinho de alegria delirante e, abrindo as asas brancas, lançou-se para a liberdade.

Como êle effectuou a viagem de regresso, nunca o poderia dizer. Voava, voava sempre, sem parar. No seu cerebrozinho excitado, apenas havia um pensamento : chegar. A imagem da loura Lili, que o devia esperar, sustentava as suas

asinhas, enfraquecidas pela reclusão. Enfim, uma manhã, avistou o telhado da casa, que êle, bem pensara, nunca mais tornaria a vêr. Com o coraçãozinho a bater doidamente, veio pousar na beira da janela. Como dantes, migalhinhas de bolacha estavam espalhadas na janela.

A pequena Lili sentira muito o desaparecimento do seu protegido, mas tinha conservado sempre a esperança que êle voltaria. O pardalsito olhou, ávidamente, para o interior. Uma cabeça loura inclinava-se com atenção, para a página da cópia, começada. De subito levantou a cabeça, para lançar para traz os caracois indisciplinados e escapou-lhe um grito :

— O meu pardalsinho !!

Reunindo as ultimas forças que lhe restavam, este, dum vôo supremo, veio abater-se nas mãosinhas, que se estendiam para êle. Ainda teve força para levantar a cabecinha e lançar um derradeiro olhar para tudo quanto tinha amado. Depois voltou os olhitos, para o rostinho tão querido, ao longo da qual, duas grossas lágrimas, corriam silenciosamente. A criança baixou a cabeça e, como no primeiro dia, pousou os lábios nas penas macias. Sob esta ultima caricia, o frágil corpinho estremeceu e ficou inerte nas mãosinhas trémulas.

Lili chorou muito a morte do seu amiguinho e enterrou-o aos pés da laranjeira que o tinha visto nascer. O passarinho morrera feliz. Deus, na sua imensa bondade, permitira que êle tornasse a vêr tudo quanto amára.

E no meio das rosas, das violetas e dos junquinhos, dormia descansadamente, aquêle que tinha sido um pardalsito de asas brancas,

■ F I M ■

Por fim o orfão convenceu-a a prova-los pois o nariz estava tão grande que pouco mais poderia crescer

Os resultados foram maravilhosos pois, pouco a pouco, ele ia tornando ao seu estado primitivo.

O contentamento da princesa e do pai não se pôde descrever.

Dexaram a bolsa prometida e ficou combinado o casamento para daí a dias.

No dia seguinte ao da entrega da bolsa, recebeu a princesa uma carta do noivo, na qual lhe dizia que em virtude de já possuir a bolsa que seu pai lhe dera, se ia daquela terra para a sua aldeiasinha, onde deixara a sua verdadeira

noiva que embora não fosse rica e poderosa como uma princesa, não era orgulhosa nem invejosa e tão pouco cobiçava objectos alheios.

Célia, ao lêr a carta, chorou muito e caiu de cama tão doente que ao fim de um mês deixava de pertencer ao numero dos vivos.

O pai que soubera dos defeitos da princesa, indignou-se com o seu proceder, e, perssentindo a morte, teve pena do pobre rapaz, mandou-o chamar e coroou-o rei, ficando êste como descendente de Alacio I.

Célia tivera o prémio da sua cobiça e êle, o orfão, o da sua honradez.

■ FIM ■

